

Entrevista

Segadães Tavares, "Nobel da Engenharia" em 2004

"Estamos a importar uma arquitectura de vaidades"

Galardoado em 2004 com o prémio "OSTRA" (Outstanding Structures Award) da IABSE, conhecido como o maior prémio da engenharia mundial, o engº Segadães Tavares, angolano natural do Luau e professor catedrático da Universidade Nova de Lisboa, em entrevista ao Novo Jornal fala da sua experiência profissional e do que não está a gostar em relação as novas construções que estão a ser erguidas em Luanda.

Entrevista de GUSTAVO COSTA

Fotos de QUINTILIANO DOS SANTOS

Disse aqui há tempos que a engenharia e a arquitectura são como uma folha de papel. Porquê?

Porque ambas têm pontos de contacto profundos desde o nascimento da engenharia. Há uma ideia errada de que a engenharia é uma coisa exclusivamente técnica quando é uma coisa eminentemente social virada para a melhoria do conforto e da segurança das pessoas.

Mas entre o arquitecto e o engenheiro há diferenças incontornáveis...

Claro que há. O engenheiro é capaz de tudo, o arquitecto não! Quem vive num prédio vive numa obra feita por engenheiros; quando acorda e vai a casa de banho verá que os instrumentos que lá estão são feitos por engenheiros; entra para o carro, que é feito por engenheiros; os arruamentos que este utiliza quem os concebe são engenheiros; leva o filho à escola e esta é feita por engenheiro; chega ao serviço e pega no computador que é produzido por engenheiros... As construções são feitas para servir a sociedade, havendo três luzes fundamentais na vida: a sabedoria, que contém o conhecimento; a força para defender as nossas ideias com convicção, mesmo contrariando os in-

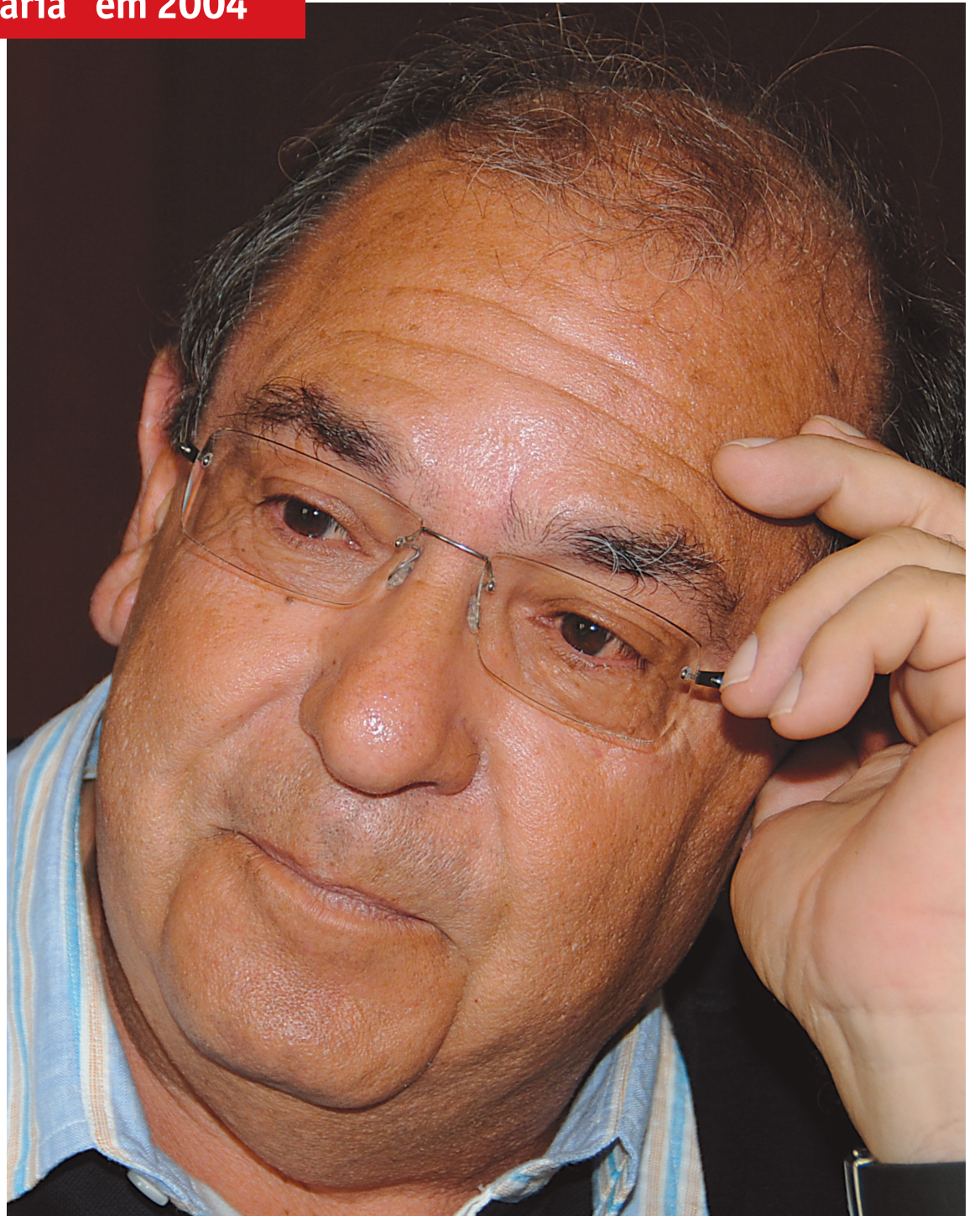
teresses instalados e, não menos importante, a beleza, que deve coroar a actividade do Homem. Esses são elementos que devem coexistir para o progresso da sociedade.

Há obrigações que escapam aos arquitectos?

Os engenheiros têm a obrigação de conhecer o comportamento das formas, que é um dos aspectos que a maior parte dos arquitectos despreza, olhando apenas para o lado plástico. Os arquitectos dão maior pendôr aos aspectos decorativos e há um drama: a arte é, na maior parte das vezes, intimista. A arquitectura é uma arte que tem que ser vista para a satisfação das colectividades e não as pode agredir. A arquitectura não deve servir para satisfazer as vaidades dos arquitectos.

O senhor diz que a arquitectura portuguesa nunca teve um cariz científico. Acontece que Angola bebe muito da arquitectura portuguesa...

Estamos a importar, nalguns casos, uma arquitectura de vaidades, de imagens e não da satisfação das nossas exigências. Estamos a esquecer os padrões de satisfação. Há que ver, por exemplo, se é mais confortável uma casa de zinco ou



uma feita com telhado de capim. Há necessidade, nesse aspecto, de entendermos os materiais.

A componente estética do que está a ser construído em Luanda agrada-lhe?

Depende. O que lhe posso dizer é que não se deve utilizar formas estéticas que vão contra o sentido das comunidades porque nalguns casos, tornam-se ofensivas. Certos desenhos e formas arquitectónicas não são as mais adequadas. A beleza depende muito das pessoas.

De que é que os arquitectos se deveriam preocupar mais, para além da estética e formas?

A intervenção da arte na arquitectura é recente. Muitas vezes não sei distinguir entre o arquitecto e o decorador, embora possa ser crítico. Acho que os arquitectos deve-

riam preocupar-se mais com a segurança, durabilidade e conforto, que passa também pela componente plástica. Há edifícios novos que não gosto porque não têm nada a ver connosco...

Como vê a segurança dalgumas obras que estão a ser erguidas em Luanda?

Há do melhor e do pior, do mais bem conseguido ao menos conseguido. O que é criticável não é apenas o aspecto estético nalguns casos, mas assiste-se a construções com uma volumetria inadequada face a rede viária de Luanda. Aqui coloca-se um problema de planeamento e ordenamento do território. O que defendo é que deveria haver uma auditoria e revisão de todos os projectos. Isso faz-se em todo o mundo, é uma prática que é corrente. Na obra do aeroporto da Madei-

ra, que me deu o prémio "OSTRA", tive uma equipa de revisores idos da Inglaterra. Nestes casos, não devemos ficar preocupados com o investidor, que pode perder o dinheiro; o que me preocupa são as consequências de uma obra mal feita.

O que aconteceu com o antigo da Fazenda e Contabilidade agrediu-lhe?

Agride. O edifício era uma peça bem concebida. Agora pode-se ter ganho mais espaço mas o conforto desapareceu. Luanda vivia até 1977 sem ar condicionado. A arquitectura tem que ver com a tradição cultural, não nos pode ser imposta. Não podemos olhar para Luanda revendo-a naquele disparate construído no Dubai. Vamos desenvolver um país para os estrangeiros ou para quem vive aqui? Se eu dizer que se deveria usar material tradicional

Não podemos olhar para Luanda revendo-a naquele disparate do Dubai. Vamos desenvolver um país para estrangeiros ou para quem vive aqui?

como capim seria mal visto mas se lembrar que nas zonas rurais da Inglaterra e outros países do primeiro mundo, há construções "cotages" que tem cobertura de colmo, quem vai dizer que os ingleses são atrasados?...

Nalguns casos, o senhor tem tido o cuidado de dizer que estamos a importar maus exemplos do estrangeiro...

Há muitos maus exemplos de má engenharia em Portugal. O número de especialistas mais do que duplicou com acções de formação mas não deixo de me confrontar com casos em que se constata falta de qualidade dos engenheiros, derrapagens e colapsos das obras. Num sessão de apresentação de duas candidaturas a especialidades, deparei com um processo para a construção de um edifício de grande altura para Luanda. Pedi o processo e conclui que estava tudo errado e expliquei porquê: tinham utilizado um programa de computador absolutamente inadequado para o edifício. Transferindo isso para o estrangeiro, nesse caso para Angola, se houver maus comportamentos, a vergonha recairia sobre o laboratório de engenharia de Lisboa e sobre a classe de engenheiros portugueses e com isso não posso pactuar. Com o dinheiro, agora vem tudo, e também vem o mau e uma ganância descomunal para o ganho fácil.

A informática é uma ferramenta indispensável hoje à engenharia. Como é que ela deve ser vista em Angola?

Angola tem uma experiência trágica recente. Tem dos melhores exércitos de África, a informática também pode ajudar a resolver problemas táticos e estratégicos mas se não tiver os generais em condições no campo das operações, de nada valerão os computadores. A primeira biblioteca de cálculo do Laboratório Nacional de Engenharia Civil de Lisboa, foi eu quem a fez. Acontece que muitas vezes os programas não são adequados por não se adaptarem aos modelos. Eu não compro programas. Só utilizo programas de cálculos desenvolvidos no meu gabinete.

Também lhe parece que os viadutos construídos em Luanda sejam de mau gosto?

Há soluções encontradas que considero das melhores. Não conheço os projectos em pormenor mas olhando para eles, facilmente se constata que existe um exagero na utilização de aparelhos de apoio, quando havia uma solução monolítica, de continuidade mais adequada. Os apa-

relhos de apoio arrastam juntas de expansão e podem ser inconvenientes porque têm um período de vida limitado.

Como sentiu a demolição do mercado do Kinaxixe?

Tenho pena...

Porquê?

Porque o mercado era um marco arquitectónico com grande qualidade.

E a solução seria...

Poderia não continuar a ser um mercado mas um espaço privilegiado que poderia albergar salas de conferência, exposições ou museus, pequenos restaurantes etc. Veja-se o mercado Coven Garden, em Londres, que era de venda de hortícolas, que se transformou num espaço cheio de restaurantes, serviços e zonas de animação cultural. Acho que o mercado poderia ser aproveitado de uma forma mais positiva, com mais valia social. Não devemos esquecer a história, como se as pessoas não tivessem passado. Fiquei chocado!

As cidades europeias não são visitadas pelos turistas para estes verem arranhas céus. Quem virá a Luanda, corre o risco de estar submetida a ditadura dos arranha-céus e à miséria dos musseques...

Parece que se quer ir para aí. Luanda é uma cidade colonial? Com certeza que é e depois? Não há que ter complexos. Quantas famílias importantes são de origem colonial? Vamos esconder isso? Temos é que saber transmitir o testemunho as novas gerações. Quem ignora o passado, não tem futuro.

A remoção da estátua de Pedro Alexandrino, ali ao lado da Lello, parece estar-lhe atravessada na garganta...

Compreendo que se apaguem alguns vestígios coloniais mas no passado colonial nem tudo foi mau. Pedro Alexandrino aboliu a escravatura em Angola. Espero que as coisas mudem. O que é que o revolução de Outubro tem a ver com a Angola a não ser a ligação marxista que chegou a ser encarnada pelo MPLA e que me fez divorciar desse partido, para merecer o nome de uma rua no nosso país? É, aliás, reconhecido que a revolução de Outubro deu origem a um dos regimes mais despóticos do mundo, que praticou um tipo de genocídio e de opressão colonial contra os povos que estavam sob a sua alçada, como não houve em Angola. São essas contradições que resultam de uma leitura apressada da

história...

A solução encontrada pelas autoridades para o resolver o problema da habitação passa pela construção de prédios que serão habitados por gente que cultivou outros hábitos e costumes. Como contornar isso?

Houve erros e no planeamento estratégico de um país não podemos ignorar o mais importante: a componente humana. Temos que dar ouvidos a população. Enfia-las em torres de apartamento, o que é isso? Isso não é progresso. As formas de habitação devem privilegiar o tradicional em Angola, o convívio familiar e com os vizinhos, havendo para isso, necessidade de espaço. Não penso que passe por construções massivas e de grandes volumes.

Mas há quem na superestrutura do poder defenda o contrário...

Há gente que talvez gostasse de habitar o último andar, com uma vista espantosa, trabalhar no meio do prédio e ir ao ginásio no rés-do-chão. Há gente assim mas isso não faz parte da nossa cultura, a gente gosta é do quintalão. Corremos o risco de criar cidades que se transformam em guethos por onde proliferam as actividades marginais. É isso que se quer?...

Qual o momento áureo da engenharia angolana?

É o momento que está para vir. É preciso ter crença no futuro, com espírito aberto e com uma atitude colectiva entre responsáveis, técnicos e planeadores que vão estudar as soluções mais adequadas à nossa realidade. Talvez fosse bom privilegiar a utilização do método dos egípcios...

Quais os grandes desafios que se colocam hoje a engenharia angolana sabendo que o Laboratório de Engenharia de Angola funciona com enormes dificuldades?

O LEA tem que ter um papel importante na regulação e adopção de medidas e normas de construção que se adaptem as condições locais. Não podemos importar as normas de qualquer parte do mundo. Já vi aplicar em Luanda situações que têm a ver com climas que não têm nada a ver connosco. Utilizar o regulamento de segurança de Portugal que qualifica a acção dos ventos naquele país é uma brutal ignorância. Quando falo dos ventos, falo também das variações de temperatura e outros maus exemplos. Em Angola a realidade é polifacetada. O LEA deveria, por isso, ter a responsabilidade de certificar e homologar todo o tipo de material de



O LEA deveria certificar os materiais de construção importados como garante da nossa independência nesse domínio



construção importado como garante da nossa independência nesse domínio. E, ter uma palavra a dizer nos grandes empreendimentos...

O trânsito em Luanda não é o que era há dezassete anos quando esteve por cá a última vez...

Não sou especialista nesta matéria mas há regras de ouro incontornáveis: devemos dificultar ao máximo as entradas e facilitar as saídas para criar zonas de maior mobilidade. Há que encontrar dispositivos para agilizar a circulação, transformando as ruas com dois sentidos, num sentido apenas, assim com fazer recurso a passagens inferiores e viadutos para resolver situações de conflito de trânsito.

Quais os desafios que se colocam a si perante os grandes desafios

que se colocam Angola?

Não sou decisor. Sou engenheiro e um cidadão do mundo. Uma coisa que gostaria de fazer em Angola era intervir na área das pontes e viadutos, com concepções próprios e diferentes. Em Angola e em Portugal não sou conhecido pelo poder, sou apenas um branco de segunda e o que ganho é graças a minha capacidade de competência. Gostaria de trabalhar em Angola porque sinto que posso dar o meu contributo, para além da satisfação técnica e a pessoal, que eu não abdicó

Está envolvido num grande projecto...

Estou sim senhor, envolvido no projecto da Invest Group, que vai dar lugar a construção da nova sede do BESA, um edifício de 30 andares.